

PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO NA CRECHE*

Telma Vitória

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

Centro Brasileiro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil — CINDEDI
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Ribeirão Preto — USP

RESUMO

Começar a freqüentar uma creche, mudar de turma ou de educador(a) responsável dentro dela, são situações que impõem um processo de adaptação muitas vezes difícil tanto para a criança como para a família e para o(a) próprio(a) educador(a). As reações da criança pequena a indivíduos e situações novas são muito influenciadas pela relação que a mãe, o pai e outros familiares estabelecem com essa novidade. Na medida em que estes conhecem o ambiente e a rotina da creche, têm maior oportunidade de adquirir confiança e estabelecer um vínculo afetivo com as pessoas que cuidam da criança. A partir de várias experiências em creche, trabalhando com a questão da adaptação junto aos educadores e às famílias, temos verificado que essas situações delicadas e complexas exigem preparo, conhecimento e experiência por parte dos profissionais envolvidos. Por outro lado, acreditamos que para prover um serviço educacional de qualidade, adequado à faixa etária que atende, a creche tem de incluir em sua proposta pedagógica um trabalho frente aos processos de adaptação, que pode ser mais ou menos sofisticado, conforme os recursos de que dispõe.

CRECHE — INTERAÇÃO CRIANÇA/FAMÍLIA/CRECHE

ABSTRACT

The entry of the child and the family into a day care center, as well as any change of group or of caretaker, are delicate situations that require care, knowledge and experience from the staff. The infant or toddler's reactions to new people and situations are much influenced by the relationship that the mother, the father and other relatives establish with that news. The adaptation process will be much easier when they know the nursery school environment and routine, as they can establish a reliable and affectionate relationship with the child's caretakers. Based on several experiences working on those questions with caretakers and families, we have realized that, in order to attain quality of care, some work should always be done regarding the adaptation processes. This work can be more or less sophisticated, depending on the social and economic resources of the day care center.

* As autoras agradecem à FAPESP, ao CNPq e à CAPES por terem possibilitado o desenvolvimento dos estudos que fundamentaram este artigo e aos educadores e técnicos da Creche Carochinha (COSEAS, USP-Ribeirão Preto), que participaram de um trabalho voltado para a adaptação. Finalmente, agradecem a importante contribuição dos colegas Ana Maria Mello, Valter Laudelino da Silva e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira na elaboração deste artigo.

A adaptação da criança e da família à creche é encarada com muita seriedade em países como a França, Israel, Itália e nos países escandinavos, onde o atendimento de crianças pequenas nesse tipo de instituição já possui uma tradição maior. Um cuidado especial com os processos de adaptação tem sido considerado extremamente importante para garantir um atendimento de qualidade, capaz de propiciar boas condições para um desenvolvimento integral e sadio das crianças, particularmente do ponto de vista social e emocional. Foram publicados vários textos a respeito, dentre os quais destacamos CRESAS, 1991; Fiorani e Musatti, 1986; Mantovani e Musatti, 1983; Mantovani e Terzi, 1987; Pramling e Lindahl, 1992.

Nosso contato freqüente com diversas creches brasileiras, públicas e filantrópicas, tem mostrado que um grande número delas ainda sofre carência de recursos materiais e humanos, o que impede a realização de um atendimento de melhor qualidade. Muitas dessas creches não chegam a garantir uma razão adulto/criança adequada, dispõem de poucos brinquedos e materiais pedagógicos, apresentam problemas em suas instalações e não têm orientação para o trabalho educativo, nem projeto de formação em serviço para seus educadores. Além disso, estes são mal remunerados e não têm uma carreira definida, com funções e formação específicas. Dada tal realidade, poder-se-ia pensar que o tema adaptação não fosse relevante para essas creches.

Enquanto equipamentos sociais, contudo, as instituições do tipo da creche vêm tornando-se uma necessidade para uma proporção cada vez maior da nossa população. Historicamente vinculadas ao atendimento de crianças de famílias de baixa renda, atualmente se transformam à medida que os costumes e as necessidades sociais se modificam. Isto se reflete, por exemplo, na ampliação do número de creches e escolas maternas particulares, em função do número cada vez maior de mulheres que ingressam no mercado de trabalho. Por outro lado, a urbanização crescente tem acarretado, dentre suas inúmeras consequências, a diminuição do espaço para a atividade infantil. As crianças permanecem confinadas em locais reduzidos e inadequados, nos quais assistir televisão constitui, muitas vezes, uma das poucas atividades disponíveis.

Como resultado, portanto, de transformações econômicas e ideológicas da sociedade brasileira, tem aumentado muito a demanda por creche em todas as classes sociais. E, felizmente, está se tornando uma questão de consenso o fato de que não basta um atendimento que garanta apenas assistência e/ou custódia. Espera-se hoje que essa instituição seja capaz de desenvolver um trabalho educativo junto às crianças e de compartilhá-lo com a família. Para tanto, o trabalho deve partir de uma proposta pedagógica bem fundamentada que oriente um planejamento e uma sistemática capazes de atingir seus objetivos educacionais. É imprescindível também que seja sustentado por recursos ambientais adequados e por profissionais preparados para assumir a função de educadores de

crianças pequenas em creches (Oliveira, Mello, Vitória, Rossetti-Ferreira, 1992).

Um reflexo dessa mudança de postura foi a inclusão da creche no capítulo da Educação da Constituição Nacional de 1988 e no Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação, atualmente em discussão. Nesses documentos, a creche passa a ser definida como "direito da criança, opção da família e obrigação do Estado".

É nesse novo contexto que nos propomos a refletir sobre os processos de adaptação que ocorrem quando uma criança e uma família nova começam a freqüentar a creche ou quando nesta ocorrem outras mudanças, as quais passam a exigir novas adaptações.

As reflexões que apresentamos aqui são fruto de um trabalho de pesquisa e de assessoria que vimos desenvolvendo há vários anos junto a inúmeras creches e, particularmente, junto aos educadores e técnicos da creche Carochinha, em Ribeirão Preto, com quem realizamos reuniões semanais durante alguns meses. Tivemos assim oportunidade de aprender a trocar experiências com eles a respeito dos processos de adaptação e das diversas formas possíveis de trabalhá-los na creche.

Baseadas nessas experiências, procuraremos mostrar como é possível a creche desenvolver procedimentos capazes de facilitar os processos de adaptação. Tais procedimentos devem ser considerados durante a elaboração e implementação de uma proposta pedagógica, pois não podemos esquecer que a idade das crianças atendidas requer cuidados especiais e, portanto, um planejamento diferenciado daquele relativo às maiores. Além disso, a permanência na creche é em geral longa, em torno de oito horas diárias.

Antes de discutir formas específicas de organização da creche a fim de auxiliar no processo de adaptação da criança e da família, é importante enfatizar que a boa qualidade do atendimento constitui um pré-requisito importante. E essa qualidade depende de algumas condições básicas. A razão adulto-criança e o tamanho do grupo adequado a cada faixa etária, um espaço e um planejamento da rotina para o desenvolvimento das várias atividades, condições satisfatórias de trabalho e a formação prévia e continuada dos educadores constituem alguns dos fatores a serem considerados. De qualquer maneira, mesmo em creches com poucos recursos, mas onde há um interesse e um esforço real para prover um atendimento de qualidade, é possível e necessário tomar algumas medidas que favoreçam a adaptação da criança e da família. Uma adaptação malcuidada traz prejuízos não apenas à criança, mas também à creche e ao(à) educador(a) responsável por aquele grupo de crianças, cujo trabalho se torna mais difícil e complicado.

Quando nos referimos aos processos de adaptação que ocorrem na creche, estamos considerando diferentes pessoas, com diferentes papéis sociais. Todos os envolvidos nesse processo, além da criança — a mãe em particular e o(a) educador(a) —, vivem-no com intensidades e características variáveis

frente à mesma situação, e os esforços de adaptação realizados influenciam as reações das crianças e são por estas influenciados.

Basicamente são três as situações de grande mudança para a criança: a primeira (e a mais difícil) é quando ela começa a freqüentar a creche; a segunda, quando ocorrem mudanças de turma, remanejamento entre os grupos de crianças e/ou mudança do adulto responsável; e a terceira surge no momento de seu desligamento da creche.

Para cada uma delas é possível sistematizar um trabalho de forma a facilitar os processos de adaptação, evitando um sofrimento desnecessário da criança, de seus pais e dos próprios educadores. Isso contribui para uma melhor qualidade do atendimento como um todo, pois a atenção e o cuidado em tal situação repercutem em todas as experiências da criança. Temos observado que muitos problemas enfrentados nos relacionamentos cotidianos da creche decorrem de um descuido frente a esses processos.

O primeiro passo para que a creche e seus educadores desenvolvam e realizem um trabalho sistemático nesse sentido consiste em procurar compreender como os processos de adaptação ocorrem e quais as suas principais características no contexto da instituição.

BUSCANDO ENTENDER OS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO NA CRECHE

A incrível plasticidade e capacidade de adaptação do ser humano aos mais variados meios e culturas deve-se, surpreendentemente, à sua prolongada imaturidade e conseqüente dependência de outros seres humanos mais desenvolvidos e competentes do que ele.

O bebê humano nasce muito imaturo, com poucos esquemas predeterminados (instintivos) de ação no mundo, em particular do ponto de vista motor. Por vários meses, seu acesso ao mundo é possível apenas através do auxílio de outros seres humanos. Por isso, seu desenvolvimento é mediado pelo outro que interage com ele e organiza o ambiente e as experiências a que tem acesso, conforme as concepções sobre desenvolvimento e habilidades infantis, próprias de sua cultura. Assim, os comportamentos, os conhecimentos, a linguagem e a própria criança enquanto sujeito são construídos em parceria com outros indivíduos dentro de uma determinada cultura (Vygotsky, 1984; Wallon, 1966).

A criança estabelece uma intensa relação afetiva com esses outros indivíduos, que lhe provêm segurança para conhecer o mundo e explorar novas situações. Em nossa cultura, esses parceiros mais estáveis e constantes são inicialmente os pais, em geral a mãe, embora possam se estabelecer relacionamentos afetivos com a avó, os irmãos, tios, babá e amigos. Assim, o processo de adaptação ao novo ambiente da creche é mediado pelos outros: pela família,

pelos educadores e pelos próprios companheiros do grupo que a criança passa a freqüentar.

A maneira como a família e, em especial, a mãe vê a entrada do filho pequeno na creche exerce uma influência marcante sobre a reação da criança. A relação muito intensa existente entre eles determinará que muitas das emoções da mãe nesse momento serão percebidas e expressas no comportamento da criança.

Mães de diferentes estratos sociais podem se sentir questionadas e mesmo assaltadas por angústias e dúvidas quando confrontadas com a pergunta: "Mãe que é mãe deixa seu filho em creche?" (Rosemberg, 1982), refletindo a concepção ainda prevalecente em nossa sociedade de que é a mãe quem tem de cuidar de forma exclusiva de seus filhos enquanto estes são pequenos. Além disso, muitas famílias mantêm uma visão assistencial de creche, vendo-a como um "mal necessário" a que recorrem as famílias que não dispõem de recursos para cuidar de seus filhos em casa. Outra será a reação de uma família que lutou no emprego ou na associação de bairro pelo direito a uma vaga para seu filho na creche.

Quando a família concebe a creche como uma alternativa plenamente viável para partilhar a educação que seu filho recebe em casa, a relação entre as duas partes é muito mais fácil. Nesse caso, ao selecionar uma creche, a família busca conhecer a qualidade desse atendimento e a competência do pessoal que irá cuidar e educar seu filho.

ASPECTOS RELEVANTES PARA A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO

A literatura sobre apego (para uma revisão, v. Rossetti-Ferreira, 1984) sugere que um claro estabelecimento de vínculo afetivo se verifica em torno dos seis meses de idade, quando a criança começa a apresentar reações evidentes de protesto à saída ou separação da mãe ou de pessoas familiares, buscando ativamente sua proximidade e sentindo-se mais segura e satisfeita em sua presença.

Verificamos, realmente, que bebês de três a cinco meses em geral não choram ou protestam quando a mãe ou algum familiar os deixam na creche, a não ser quando estão acostumados a permanecer o tempo todo no colo ou quando a mãe se mostra muito insegura e ansiosa. No entanto, somos de opinião de que as reações desses bebês se manifestam de outra forma, dado que nessa idade não conseguem ainda se comunicar, nem agir de maneira mais autônoma sobre o mundo. Eles adoecem facilmente ou apresentam distúrbios de alimentação ou sono. Já a partir dos seis ou oito meses de idade, além dessas reações, é comum os bebês apresentarem uma reação negativa diante de pessoas estranhas, mostrando uma nítida preferência pelas conhecidas, com quem estabeleceram um maior vínculo afetivo. Eles estranham também a rotina diferente daquela a que estão acos-

tumados e a forma de receber os cuidados de alimentação, higiene etc. por parte dos adultos. Assim, temos os bebês que não aceitam o alimento, os que não querem ficar na sala, os que não querem trocar de roupa, ou até um pouco de cada coisa.

Em algumas crianças de um para dois anos de idade, observa-se em determinados momentos um aumento nas reações de apego, de agarramento aos pais e de protestos na hora da separação, como se elas estivessem regredindo e não progredindo. Isso pode ser apenas uma forma de reagir frente a alguma situação difícil: doença de alguém na família, vinda de um irmãozinho, mudança de casa ou de quarto, viagem dos pais... Por outro lado, pode estar evidenciando justamente uma fase de maior desenvolvimento, quando a criança se torna mais alerta ao que ocorre em torno dela, percebendo novidades e mudanças, embora ainda não seja capaz de apreender completamente seu significado. Por isso é comum observarmos crianças em torno de dois anos apresentarem reações de medo frente a coisas que antes não as assustavam.

Embora com grandes diferenças individuais, tanto as reações a pessoas e coisas estranhas como o protesto à separação dos pais costumam decrescer gradualmente a partir de três anos de idade, quando a criança passa a adquirir noções mais claras de tempo e espaço, apreciando cada vez mais a companhia dos amiguinhos, com os quais brinca entretida por longos períodos, e conseguindo comunicar-se mais facilmente tanto com os adultos como com as outras crianças, devido a um maior domínio da linguagem verbal.

O contato com crianças da mesma idade como de idades diferentes exerce um papel importante durante o seu processo de adaptação (e mesmo da família). Estudos indicam que a interação entre crianças tem início muito antes do que se pensava até alguns anos atrás (para uma revisão sobre o assunto v. Carvalho e Beraldo, 1989). Desde os primeiros meses de vida, o bebê tem um interesse muito grande por outras crianças, ficando a observá-las por longo tempo e apreciando sua companhia. Mesmo antes de terem um domínio funcional da linguagem, o que facilita muito sua comunicação, as crianças de um, dois anos já estabelecem entre si relações bastante complexas, quando colocadas em um ambiente que dê suporte a suas ações e interações em pequenos grupos, através da organização da rotina, do espaço e dos objetos disponíveis na creche (Rossetti-Ferreira, Campos de Carvalho, Rubiano, Oliveira, 1991). É mais fácil para a criança ficar em um lugar novo quando lá estão outras crianças. Por outro lado, a criança pequena não tem ainda capacidade para interagir com várias pessoas ao mesmo tempo; interage muito melhor em díades ou tríades e se isola e retrai quando em grupos muito grandes.

O trabalho ideal de cada grupo da creche com um(a) educador(a) vai depender da idade das crianças. No primeiro ano de vida e até 18 meses mais ou menos, aconselham-se grupos pequenos de seis a sete crianças com um adulto, o qual pode assim

prover um cuidado mais individualizado. De dois a três anos pode-se pensar em grupos maiores, de dez a doze crianças. De três a quatro anos, grupos de 15 crianças e de cinco a seis anos as crianças já ficam bem em grupos de 18 a 20. Entretanto, mesmo nos grupos maiores nota-se que as crianças interagem por mais tempo com poucos parceiros de cada vez. A organização do espaço físico e social se revela um importante suporte para as interações ocorrerem, particularmente nos grupos mais novos.

As reações da criança durante a adaptação, portanto, podem variar muito e dependem especialmente da sua idade, do tipo de relacionamento existente entre ela e seus pais, da maneira como estes concebem a creche e de como a creche organiza sua recepção e seu modo de funcionamento.

Como este artigo visa justamente a fornecer subsídios a técnicos, professores e pesquisadores que exercem um trabalho junto a profissionais de creche, analisando e discutindo várias formas de atuação através das quais é possível auxiliar nos diferentes momentos do processo de adaptação da criança e da família à creche, deixaremos a discussão sobre o papel do educador nesse processo para ser feita no decorrer da exposição.

A chegada da criança e da família nova

A creche pode cuidar dos processos de adaptação desde o momento em que estabelece o primeiro contato com a família. As primeiras impressões influenciam bastante a maneira como a família vai se relacionar com o novo e, na maioria das vezes, estranho ambiente. Por isso, uma entrevista de matrícula pode ser mais do que o mero cumprimento de uma tarefa burocrática, se for preparada para ocorrer de forma a dar uma atenção especial à família.

A entrevista de matrícula pode ser o momento de apresentar informações gerais sobre a creche, sua forma de atendimento, sua concepção de educação, seus objetivos. Além disso, é uma ótima oportunidade para obter algumas informações importantes como, por exemplo, a experiência prévia da criança, alguns dos seus costumes, as expectativas dos pais etc. É interessante, na entrevista, a participação do(a) educador(a) que vai acolher a criança, pois é ele(a) quem mais precisa das informações fornecidas pelos pais. Contudo, para que estes se sintam à vontade é aconselhável não haver muitas pessoas presentes, pois isso daria um caráter de interrogatório à entrevista. O importante é garantir que a família se sinta bem atendida. Quando recebem essa atenção, os pais costumam ficar mais tranquilos, diminuindo sua insegurança inicial, o que contribui para que seu filho também se sinta menos inseguro nesses primeiros dias de creche.

Assim, quando há, por exemplo, um certo número de crianças para ingressar, uma reunião inicial com os pais, para se conhecerem e discutirem conjuntamente suas preocupações frente à nova situação,

tem-se mostrado um procedimento eficiente. Nessas reuniões temos utilizado o vídeo *Quando a criança começa a freqüentar a creche**, por nós realizado com o objetivo justamente de discutir os processos de adaptação da criança, da família e do(a) próprio(a) educador(a) frente à entrada de uma nova criança.

Assim como a entrevista de matrícula, o primeiro dia da criança pode estar voltado à sua recepção; para isso, deve-se combinar previamente uma data com os pais. Nesse dia ocorrerão mudanças na dinâmica da família e da turma de crianças que receberá a nova integrante. Uma série de condutas pode ser planejada, com materiais e ambientes organizados antecipadamente, de forma a que o educador possa dedicar maior atenção ao recém-chegado. Se existe mais de uma criança para entrar na mesma turma, é preferível que se estabeleçam datas diferentes para o seu ingresso, de forma a garantir a disponibilidade do(a) educador(a) para cada uma.

A creche pode estabelecer um processo gradual de contato, exploração e familiarização para esse período inicial, solicitando e planejando a permanência da mãe, do pai ou de alguém com quem a criança tenha um vínculo afetivo forte, no decorrer dos primeiros dias, ou enquanto se fizer necessário. Com essa medida possibilita-se à criança enfrentar o ambiente estranho junto com alguém com quem se sinta segura. Somente depois de explorá-lo e conhecê-lo um pouco melhor (seus espaços, objetos, rotina, adultos e crianças) e quando tiver estabelecido algum vínculo com o educador de sua turma, é que ela enfrentaria a separação, inicialmente por curtos períodos, até ser capaz de se despedir da pessoa querida já na chegada, permanecendo sem ela por um período mais longo.

Mesmo em creches onde só é possível receber mais de uma criança nova no mesmo dia na mesma turma, e onde não se consegue garantir a companhia de alguém conhecido junto a ela nos primeiros dias, pode-se pensar em algumas medidas de apoio ao processo de adaptação. Por exemplo, permitir que ela traga um objeto querido de casa ou que possa passar alguns momentos junto com um irmãozinho que também freqüenta a creche... Enfim, deve-se propiciar situações em que a criança se sinta mais segura e tranquila. Insistimos, no entanto, na tentativa, mesmo quando houver resistências, de garantir a presença de um dos pais da criança ou de uma pessoa de seu conhecimento por algumas horas nos primeiros dias, inclusive para que eles também possam conhecer melhor o lugar, o tipo de atendimento, a rotina das crianças e, principalmente, quem é o(a) educador(a) que ficará como responsável por seu filho ou filha. Contudo um bom resultado não é atingido se o(a) educador(a) não estiver preparado(a) para enfrentar essa delicada situação.

Conforme já comentamos, as reações da mãe, do pai e dos familiares vão depender de suas representações sociais sobre creche, de seu papel como pais e de como concebem o papel do educador junto à criança. É muito comum os pais se sentirem inse-

guros e desconfiados, principalmente quando se trata de seu primeiro filho, que ainda é um bebê. Se eles são desinibidos, poderão perguntar, criticar, palpar sobre tudo, desde a limpeza do berço até sobre a roupa que uma outra criança está vestindo. Se eles são tímidos, terão iguais preocupações, porém sem falar delas. Se não lhes for dada atenção, podem até desistir da vaga no primeiro resfriado ou desarranjo intestinal do filho.

No trabalho cotidiano com esses pais fica muito claro o conflito entre o seu papel profissional e suas responsabilidades perante o filho. O sentimento de culpa que a mãe, principalmente, expressa é, por vezes, tão grande que a educadora acaba se sentindo culpada também. Ao não se prestar atenção a essas manifestações emocionais, pode surgir uma relação de sedução entre mãe e educadora, uma forma da mãe garantir um tratamento "especial" para o seu bebê. Quando isso acontece, já não dá para saber o que é sentimento da mãe e o que é sentimento da educadora, pois é uma relação no nível da subjetividade e com uma confusão de sentimentos. Evidentemente, há prejuízos para o trabalho, pois uma relação dessa natureza num ambiente coletivo provoca ou acentua competição entre colegas, sentimentos de rejeição ou inveja entre outras mães etc.

Existem casos em que, para a família, mais difícil do que adaptar-se ao ambiente da creche é separar-se da criança. Nesses casos, a creche pode desenvolver condutas de apoio à mãe, permitindo, por exemplo, que ela "ensaie" algumas separações ainda que permanecendo na creche, dando-lhe, assim, oportunidade para falar de seus sentimentos. Geralmente o que está por trás dessa dificuldade é o receio de que a criança venha a gostar mais da educadora e da creche do que dela e de sua casa. São freqüentes os depoimentos das mães que, embora sofram com o choro da criança, ficam ainda mais angustiadas se ela não chora: "Será que ela não gosta mais de mim?" — é a dúvida que as assalta de imediato.

Muitas famílias de baixa renda assumem uma postura de submissão frente ao educador quando começam a freqüentar a creche, em função da grande importância que esta vaga representa para elas. Nesse caso, pode ocorrer uma reação, por parte de um educador desatento, de subestimar as necessidades sociais e afetivas dessa criança e dessa família, as quais estarão certamente atuando sob o véu da submissão. Se a creche se compromete a um papel social transformador, é necessário que ela parta do princípio de que todas as crianças e famílias merecem a mesma qualidade de atendimento, independentemente de sua condição social ou de suas habilidades para se relacionar.

Para que o educador obtenha sucesso na tarefa de facilitar a adaptação da criança e da família à cre-

* Este vídeo está disponível para empréstimos ou aquisição na Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP) em São Paulo.

che são necessários experiência e conhecimentos sobre esse processo. A consciência de que para a família ele é um estranho que passará a ter um papel fundamental na vida da criança irá ajudá-lo a compreender o exagero de cuidados e a ansiedade que os pais por vezes manifestam, suas tentativas de garantir uma atenção diferenciada, ou mesmo sua atitude desconfiada ou inibida. O(a) educador(a) precisa estar preparado(a) para possibilitar maior flexibilidade na rotina, incentivar a criança a explorar o ambiente, aproximar-se nos momentos certos e de maneiras adequadas, introduzir assuntos que facilitem o estabelecimento de uma relação entre ele(a), a criança e a família. Uma situação mais descontraída pode facilitar muito essa aproximação. Sem dúvida, o(a) educador(a) necessita de orientação e apoio particularmente nesse período.

Algumas questões específicas

O choro da criança nos primeiros dias é, sem dúvida, a reação que provoca maior ansiedade nos pais e educadores. Quando não existe um trabalho orientado para auxiliar no processo de adaptação, os educadores acham, muitas vezes, que essa reação é inevitável, sendo mais aconselhável não lhe dar muita atenção, pois senão o choro se prolonga e a criança pode virar manhosa, querendo sua atenção a toda hora, o que não é possível na creche. Desta forma, permanecem passivos frente ao choro, acreditando que, com o tempo, a criança se acostuma e pára de chorar até por esgotamento físico e emocional. Essa experiência negativa, no entanto, pode acarretar sérias dificuldades futuras. A criança pode tornar-se ansiosa, medrosa ou muito passiva, ou até apresentar desconfiança e resistência em estabelecer novos vínculos afetivos.

A ansiedade que o(a) educador(a) sente com o choro prolongado e ressentido da criança constitui uma pista importante que deve orientar sua ação, pois lhe está sendo comunicado que ela precisa de acolhimento, conforto e calor humano durante esse momento de separação. Na maioria dos casos, uma atenção especial nesses momentos acalma a criança e o(a) próprio(a) educador(a), evitando que o choro persista. Isso certamente favorece o processo de adaptação recíproca.

Sabemos também que o choro não é a única reação de perturbação possível por parte da criança. É fundamental que o(a) educador(a) esteja atento(a) a outras manifestações, como passividade, apatia, resistência à alimentação ou ao sono, doenças..., tentando compreendê-las em sua relação com a totalidade do processo de adaptação. Dessa forma poderá encontrar os melhores meios para auxiliar a criança e a família a superarem esse período difícil.

O choro é uma manifestação muito característica das crianças durante o processo inicial de adaptação, tanto no momento de chegada, quando os pais a deixam na creche, como na saída, quando os pais re-

tornam para buscá-la. Isso pode fazer com que os pais imaginem que o(a) filho(a) passa o dia todo chorando. Muitas famílias acreditam que, nesses casos, é melhor distrair a criança, saindo escondido, para evitar essa manifestação. Já ouvimos diversas mães comentarem que elas passam o dia todo com a sensação de que seu filho está chorando. Ou seja, criam uma imagem, como se o filho de fato ficasse o dia todo chorando na creche. Nesses casos, uma conduta interessante por parte da creche é permitir ou mesmo solicitar, quando necessário, que a família ou algum de seus membros presencie, sem que a criança perceba, outros momentos do dia da criança na creche, e observe que ela não fica chorando o tempo todo. Obviamente, tal conduta deve ser acompanhada de orientações e esclarecimentos sobre o que está ocorrendo e sobre as medidas que estão sendo tomadas pela creche.

Em nossa opinião, é preferível que a criança saiba quando os pais estão saindo, que expresse sua tristeza ou raiva e que seja consolada. Com o tempo, vai perceber que eles voltam todos os dias para pegá-la. Quanto ao choro que se observa com frequência nos reencontros, durante o período de adaptação, ele pode ser interpretado como um desabafo de alguém ao reencontrar a pessoa com quem pode relaxar, que assume por ela todo o controle da situação.

Realmente, a creche, sob vários aspectos, exige mais da criança do que o ambiente familiar, pois a maior diversidade de pessoas, objetos e situações vivenciadas acabam por configurar muitos desafios inevitáveis que, às vezes, obrigam a criança a um desenvolvimento "potencial" maior do que aquele já estabelecido. Esses desafios ela consegue enfrentar com algum esforço enquanto está longe dos pais, mas quando eles retornam, ela se entrega chorando à sua proteção, como que lhes delegando ou devolvendo a responsabilidade por suas próprias ações daí em diante. Em outras ocasiões, esse choro parece mais ser intencional, como que para provocar um impasse, ou um jogo de resistência entre a mãe e o(a) educador(a). Isto geralmente ocorre quando, por algum motivo, a mãe não está se sentindo segura em deixar a criança na creche.

Uma situação ligeiramente diferente ocorre quando a criança ingressante já tem lá dentro um irmão ou uma irmã um pouco mais velha. Pelo fato do ambiente não ser estranho à família, a tendência é a criança adaptar-se mais tranquilamente. Contudo, há que se prestar atenção ao seu irmão ou irmã pois este(a) pode reagir, mudar seu comportamento, apresentar alguma dificuldade. Isto porque os adultos e até mesmo as outras crianças, geralmente sem perceber, dedicam maior atenção à mais nova, ficando a mais velha um pouco esquecida. Ora, essa criança também está passando por um processo de adaptação em casa e agora se vê obrigada a dividir as atenções dos amigos da creche também com seu(u) irmãozinho(a)!

De qualquer maneira, nunca uma adaptação é igual a outra; nunca o mesmo procedimento resolve

os diversos casos. Importante é garantir que a criança e a família se sintam bem recebidas na creche, para que a primeira impressão não fique impregnada de uma experiência desagradável. Dada a complexidade das manifestações afetivas envolvidas no processo, é interessante que técnicos ou supervisores possam estar acompanhando sistematicamente o trabalho do educador, como forma de apoiá-lo e ajudá-lo a refletir sobre os fatos e sobre a sua conduta, visto que ele também está sendo requisitado a se adaptar a uma nova situação.

O processo de adaptação que se mostra mais complexo é quando a criança é filha de um profissional da própria creche, o que faz com que este profissional passe a acumular, simultaneamente, o papel de educador e o de pai ou mãe. Existem creches que conseguem evitar isso, garantindo vagas aos filhos de seus educadores em outras creches. Entretanto, aquelas que não têm essa possibilidade terão que enfrentar uma situação da qual participam uma criança, um(a) educador(a) e uma família diferenciados em relação às demais crianças que não têm o pai ou a mãe o tempo todo dentro da creche. Tal família sempre terá maiores dificuldades em reconhecer os momentos em que o lado profissional deve "falar mais alto" daqueles em que o seu maior envolvimento afetivo pode e deve se expressar em relação ao próprio filho.

Essa questão precisa ser bem trabalhada na creche, através de conversas e orientações que permitam à mãe ou pai e ao(a) educador(a) que atende seu(sua) filho(a) expressarem suas dúvidas e sentimentos contraditórios, e reflitam sobre possíveis alternativas de ação capazes de superar os conflitos que freqüentemente ocorrem em tal contexto. De todo modo, deve-se evitar que a criança permaneça no grupo coordenado pela mãe ou pelo pai.

Finalmente, é importante ressaltar que esse processo de adaptação não se resume aos primeiros dias: pode durar meses e só se completará quando a criança, a família e o educador estiverem interagindo de forma integrada e descontraída na creche. Faltas muito freqüentes ou irregularidade nos horários de entrada e saída dificultam o processo que passa a se estender por mais tempo. Conseqüência para a qual os pais devem ser alertados.

A experiência de várias creches tem demonstrado também que uma maior abertura por parte da creche em relação a estimular uma aproximação das famílias e lhes expor e transmitir informações sobre seu trabalho faz com que elas passem a se sentir mais confiantes e participem mais na educação de seus filhos. Dessa forma, em vez de fiscais e juizes, a creche ganha aliados e colaboradores.

Crianças mudando de turma

O desencadeamento de um novo processo de adaptação ocorre quando há um remanejamento de turmas. Dependendo da idade da criança, esta mudança pode implicar em alterações de ambiente, rotina, pla-

nejamento pedagógico e estabelecimento de novos vínculos afetivos.

Como vimos, nas crianças pequenas, em especial naquelas de zero a dois anos, o vínculo afetivo com o adulto é o principal suporte para elas se sentirem seguras em qualquer ambiente, de forma a poderem brincar, explorar e interagir com outras pessoas, adultos ou crianças. Entretanto é ainda uma prática muito comum nas creches promoverem-se mudanças nessa idade, o que implica alterações do(a) educador(a) responsável. Assim, as necessárias alterações de rotina e de ambiente, que o próprio desenvolvimento das crianças exige, são enfrentadas sem o apoio daquele(a) educador(a) com quem ela já estabeleceu um forte vínculo afetivo. As famílias e educadores também precisam trabalhar as novas relações, repetindo-se grande parte do processo inicial de adaptação, já apontado anteriormente.

Para a família, essa adaptação já não se faz tão complexa, pelo fato de conhecer em parte o ambiente, o funcionamento da creche e alguns dos outros adultos e crianças que nela convivem. Contudo, enfrenta agora um sentimento de perda do vínculo estabelecido com o(a) educador(a) anterior e deve construir novo vínculo de confiança com outro(a) educador(a).

Os educadores, por seu lado, também enfrentam um sentimento de perda do vínculo estabelecido com a família e, principalmente, com a criança que vai para outra turma e deve, por sua vez, encontrar espaço para estabelecer vínculos com as novas crianças e suas famílias. Quando essas mudanças acontecem com muita freqüência (por exemplo em prazos regulares de seis meses ou menos) os educadores têm maior dificuldade de construir o vínculo afetivo, pois o tempo é pouco. Além disso, uma transitoriedade muito grande de crianças em sua turma faz com que o(a) educador(a) evite estabelecer vínculos para diminuir o posterior sentimento de perda, que também não tem tempo para elaborar bem.

O remanejamento de turmas nas creches é inevitável, não somente pelas necessidades das crianças que estão se desenvolvendo, mas também porque geralmente é muito grande a demanda de crianças menores de dois anos aguardando vaga. Além disso, é sempre menor o número de vagas para esta faixa do que para as crianças mais velhas, idade em que é possível colocar um maior número de crianças sob a responsabilidade de um mesmo educador. A principal questão a se discutir é sobre como administrar esse remanejamento de forma a atenuar as dificuldades dos seus protagonistas.

Existem ainda muitas creches que mudam uma criança sozinha de turma, sem planejamento, e de forma inesperada. Em geral essa conduta surge como solução a um problema emergencial: seja porque a criança está apresentando problemas nessa turma ou porque há uma outra criança e família precisando urgentemente daquela vaga, dentre outros motivos. Além da tendência ao modelo assistencial de atendimento presente nessa prática, observa-se que não há critérios bem definidos a nortearem as mudanças. Em

conseqüência, além de tornar o processo de adaptação mais difícil, o objetivo principal, que seria o bem-estar e a promoção do desenvolvimento da criança, fica renegado a segundo plano.

Propomos que a creche procure evitar ao máximo esse tipo de remanejamento e se esforce por desenvolver uma sistemática, estabelecendo previamente uma data para que ele ocorra e informando a todos os envolvidos, a fim de que possam se preparar. Se for de fato inevitável o remanejamento, que se planeje uma forma de mudar grupos de crianças, ao invés de mudar uma criança sozinha. Desde pequeninas, é bom lembrar, as crianças já têm alguma capacidade para estabelecer vínculos com seus companheiros; portanto, enfrentar as mudanças junto com eles constitui para elas um valioso suporte.

Antes de planejar e estabelecer essa prática, é necessário que coordenadores e/ou técnicos das creches promovam um amplo debate com seus educadores sobre critérios para o remanejamento de turmas, baseados principalmente em considerações sobre a melhor forma de promover o desenvolvimento infantil. Torna-se possível, então, sistematizar um planejamento pedagógico para cada turma de crianças, que corresponda a um período de tempo definido previamente.

A maior dificuldade para cumprir esse tipo de planejamento ocorre nas turmas de berçário, cujo desenvolvimento é muito rápido. Em pouco tempo, elas passam a necessitar de mais espaço, de alterações na rotina e maior diversidade de experiências. A nosso ver, é preferível que a creche procure adaptar a sua rotina e os seus ambientes em função dessas necessidades, a promover a mudança de turma, exigindo a adaptação por parte das crianças. Isto até que chegue o momento de mudar do berçário para o minigrupo ou maternal. É importante lembrar que essa criança viveu um ano e meio a dois anos; sua experiência restringe-se a situações mais protegidas em termos da atenção do adulto, do espaço físico e da interação social. A rotina e os ambientes preparados para o maternal expõem a criança a muitas situações novas, as quais vão exigir dela mais iniciativas. No brincar, o adulto vai favorecer a interação entre as crianças e a criatividade delas na utilização dos ambientes e dos materiais. Conduta diferente daquela presente no berçário, onde é muito mais o adulto que apresenta idéias e propõe maneiras de brincar com o bebê. Quanto aos cuidados de alimentação e sono, no maternal não há mais condições de se manter a mesma atenção individualizada que no berçário não somente é possível como necessária. A rotina também é mais cumulada de atividades e muito mais diversificada, produzindo maior cansaço na criança ainda muito pequena.

Portanto, as mudanças e diferenças são grandes tanto para as crianças e suas famílias como para a creche e seus profissionais. Uma alternativa possível, porém de difícil execução, consiste em promover o remanejamento de turmas de forma a que o mesmo educador acompanhe a mudança, procedimento bas-

tante favorável para crianças até dois anos. Algumas creches já o estão conseguindo, através de um grande investimento na formação de seus educadores, fornecendo-lhes subsídios teóricos, promovendo debates para que as tomadas de decisões se baseiem em argumentos técnicos, enfim, tornando o trabalho menos alienado objetiva e subjetivamente.

Pretendemos também, com estas considerações, que aquelas creches cujo modo de funcionamento se caracteriza por constantes alterações nas funções ou na turma assumida por seus profissionais reflitam sobre elas. É possível que muitos problemas enfrentados junto a um grupo de crianças se deva à presença inconstante do adulto que fica com ele.

O desligamento da criança da creche

O desligamento da criança constitui a última etapa na qual os processos de adaptação estão envolvidos e sobre os quais a creche deve se ater.

Dependendo da maneira como os adultos reagem frente à despedida, a criança terá maior ou menor dificuldade ao enfrentar esta grande mudança que aí se inicia e finaliza na escola, pré-escola ou outro local. Estamos chamando de despedida ao período que começa quando se sabe que determinada criança vai sair, e termina com seu último momento na creche. Entretanto, o seu novo processo de adaptação estará somente se iniciando nesse momento.

Saber que a criança vai sair da creche pode alterar, em maior ou menor amplitude, o tipo de relacionamento que especialmente o educador tem com ela. O assunto passa a ser comentado, porém muitas vezes evita-se, até os últimos momentos, comentá-lo com a própria criança. Essa conduta pode gerar dúvidas e insegurança, podendo ser percebida como prenúncio de um acontecimento "ruim". Outra será a reação emocional da criança se for informada e tiver oportunidades para conversar a respeito do que vai lhe acontecer. É possível ajudá-la a desenvolver uma disposição positiva frente às futuras mudanças, que, de fato, significam evolução e crescimento, desde que os pais e educadores encarem o processo como natural e benéfico para o desenvolvimento da criança, reconhecendo e promovendo seus recursos afetivos e cognitivos.

A creche pode oferecer suporte através de um planejamento pedagógico que leve em consideração o futuro processo de adaptação, embora não vá acompanhá-lo diretamente. Isso pode ser feito introduzindo-se conteúdos sobre como se dá o ensino nas escolas, seu modo de funcionamento, incluindo visitas, literatura sobre o tema e conversas nas rodas. Ademais, pode-se organizar eventos especiais para a turma que vai sair, como festas, espetáculos, excursões, dentro de um espírito de comemoração pelo acontecimento.

Mais uma vez, faz-se necessário um investimento no preparo do educador que irá acompanhar o perío-

do de despedida, dada a grande influência da sua postura frente à situação que, conforme a atitude dos pais, pode-se tornar mais ou menos complexa. É muito comum os pais passarem a requerer maior atenção ou se tornarem mais críticos. Como podemos compreender essa reação?

Para a família, mudar de turma, a partir de três ou quatro anos de idade, passa a ter uma conotação positiva, já que percebem o fato como sinal de desenvolvimento e vêem nele maiores possibilidades de aprendizagem para a criança. Os filhos deixaram de ser bebês e passaram a ser crianças. Entretanto, as grandes preocupações ressurgem quando se aproxima o momento da criança se desligar da creche. Geralmente, é muito difícil conseguir vaga em uma escola ou pré-escola, além do que a criança passará a ser atendida somente por meio período, obrigando a novas adaptações no cotidiano doméstico. Mescladas às dificuldades afetivas do processo, surgem dúvidas relacionadas às competências da criança para enfrentar essa nova fase, e comparações quanto ao atendimento oferecido pela velha e a nova instituição, dentre outras.

É comum, por exemplo, ouvir-se depoimentos do tipo: "Mas lá o meu filho não terá a mesma liberdade, nem seus coleguinhas... Isto não o prejudicará?" De fato pode ocorrer que a criança passe a freqüentar uma instituição que desenvolva uma proposta pedagógica diferente, ou que nenhum de seus coleguinhas venha a freqüentar a mesma instituição. Nestes casos, os pais devem estar atentos ao comportamento da criança sem, contudo, considerá-los os únicos fatores responsáveis, se porventura houver alguma dificuldade.

Em alguns casos menos freqüentes, o desligamento de uma criança pode acontecer de forma inesperada, por diferentes motivos. Mesmo assim, a creche geralmente é avisada com alguma antecedência, o que torna possível desenvolver um trabalho de apoio à família e à criança. Atitude válida tanto pelo compromisso com a educação como pelo compromisso social mais amplo da creche, que pressupõe uma

extensão dos serviços à família e à comunidade. Contribuir para a prevenção de dificuldades no desligamento da criança e da família é somente mais um desses serviços.

Existem creches que já têm alguma espécie de integração com uma escola ou pré-escola, o que facilita as mudanças que as famílias e as crianças devem enfrentar. Quando isso não é possível, seria interessante tomar certas medidas, tais como fazer um levantamento das instituições disponíveis na comunidade, promover ocasiões em que os pais possam trocar informações e experiências ou mesmo atender individualmente aqueles que estiverem com maior dificuldade.

COMENTÁRIOS FINAIS

Nossa proposta é investir na formação dos educadores, aprimorando seu trabalho com as famílias e com a rotina, assim como na organização do espaço físico e no planejamento pedagógico, incluindo em cada tópico uma certa atenção quanto aos processos de adaptação. Esse trabalho pode parecer por demais sofisticado ao se considerar as sérias necessidades de recursos que enfrentam as creches brasileiras e a grande demanda existente em virtude da insuficiência de vagas. Contudo, acreditamos que cada creche pode desenvolver um trabalho diferente sobre os processos de adaptação, de acordo com os recursos de que dispõe, sofisticando-o à medida que conquista mais e melhores recursos.

É certo que esse trabalho não contribui para aumentar a capacidade de atendimento da demanda. No entanto, certamente contribuirá para melhorar a sua qualidade. Nas creches que desenvolvem projetos sobre a adaptação, observa-se com o tempo um declínio da porcentagem de vagas ociosas e da alta rotatividade de crianças e de educadores. Os objetivos educacionais têm assim maior chance de serem atingidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Ana Maria A., BERALDO, Katharina E.A. Interação criança-criança: o ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, n.71, p.55-62, 1989.

CRESAS. *Accueillir à la crèche, à l'école*. Paris: INRP, L'Harmattan, 1991.

FIORANI, Anna, MUSATTI, Tullia. L'inserimento del bambino al nido e il processo di socializzazione tra coetanei. In MUSATTI, Tullia, MANTOVANI, Susanna (eds.). *Stare insieme al nido: relazioni sociali e interventi educativi*. Bergamo: Juvenilia, 1986.

MANTOVANI, Susanna, MUSATTI, Tullia. *Adulti e Bambini: educare e comunicare*. Bergamo: Juvenilia, 1983.

MANTOVANI, Susanna, TERZI, Nice. L'inserimento. In BONDIO-LI, Anna, MANTOVANI, Susanna (eds.). *Manuale Critico dell'Asilo Nido*. Milano: Franco Angeli, 1987.

OLIVEIRA, Zilma M.R. et alii. *Creches: crianças, faz-de-conta & Cia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PRAMLING, Ingrid, LINDAHL, Marita. *Entering the world of day-care*. Paper presented at the Vth European Conference on Child Development. Seville: Sapin, 1992.

ROSENBERG, Fulvia. Mãe que é mãe deixa seu filho em creche? *Psicologia Atual*, p.38-42, 1982.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. O apego e as reações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. *Cadernos de Pesquisa*, n.48, p.3-19, 1984.

ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde et alii. A construção de uma proposta pedagógica para creches: uma trajetória de pesquisa em psicologia do desenvolvimento. *Paidéia*, n.1, p.9-16, 1991.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. *Do ato ao pensamento*. Porto Alegre: Portucália Editora, 1966.
